

A Interdisciplinaridade em História: apontamentos para as interpretações dos primeiros contatos europeus com os Guarani no litoral central do estado de Santa Catarina – Isabela Müller

A Interdisciplinaridade em História: apontamentos para as interpretações dos primeiros contatos europeus com os Guarani no litoral central do estado de Santa Catarina

Isabela da Silva Müller¹

isabeladsmuller@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Por meio de um estudo preliminar em torno de um debate historiográfico acerca dos contatos iniciais entre os indígenas Guarani e Europeus na região do Litoral Central de Santa Catarina, procurar-se-á problematizar a necessidade da realização de confrontos dos relatos de viajantes e da etnografia como fontes (entendendo que todas as fontes têm seus contextos) com os demais registros provenientes de outras Ciências. A ‘ausência’ ou não de complexificação das fontes utilizadas na historiografia para a temática no estado gera interpretações esparsas e pontuais demasiadamente em muitos discursos correntes. Defende-se, pois, a atuação da Interdisciplinaridade nas reflexões e no ‘fazer histórico’, principalmente, entre as Ciências Humanas.

Palavras-Chave: Povos Guarani; Contato Europeu; Litoral Central de Santa Catarina; Interdisciplinaridade

ABSTRACT: By means of a preliminary study on a historiographical debate about the initial contacts between the Guarani Indigenous and the European in the region of Santa Catarina's Central Coast, this paper aims to render problematic on the need to confront the travelers reports and the ethnography as sources in History (comprehending that all the sources have their contexts) to the other type of registers from other Sciences. The absence or not of sources' complexification used for the theme in the state makes excessive diffuse and punctual interpretations which are found in many current discourses. It is supported, though the actuation of Interdisciplinary reflections on the process of constructing History, especially among Human Sciences.

Keywords: Guarani People; European Contact; Santa Catarina's Central Coast; Interdisciplinarity.

¹Aluna de Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina./ Pesquisadora no Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA/UFSC).



É notório e de conhecimento no meio da Academia, que se estende para os demais setores da sociedade, em especial através do ensino nas escolas, temáticas nos livros, reportagens em televisão ou jornal, por exemplo, ou no sentido oposto, que a temática da História Indígena dos povos brasileiros e americanos no geral ainda é pouco visada. Essa situação é característica, dentre outros fatores, pelo processo historiográfico, o qual também é contextualizado em determinados tempo e espaço. Os estudos em História sobre os povos indígenas no Estado de Santa Catarina obedecem a um processo da mesma forma, historiográfico. Essa afirmação ainda pode ser expandida para as demais ciências, como a Antropologia. Dessa forma, tendo em vista que esse processo é bastante dinâmico, influências econômicas, políticas, culturais, sociais, sejam nacionais ou internacionais têm grande impacto na forma com que se realizará o estudo histórico.

Em se tratando da Historiografia Acadêmica, no período de cinquenta anos retrocedidos podemos “identificar” três “movimentos” na historiografia catarinense, em cujo terceiro, denominado “Nova História de Santa Catarina, expõe matrizes teórico-metodológicas presentes na *História dos Annales*, na Micro-História de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a História derivada dos estudos de Roger Chartier, a História ligada aos estudos de E.P. Thompson e a História Social Inglesa”, além de Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Michel Foucault², dentre outros. Nesta, os estudos feministas, de movimentos sociais, de microanálise e estudos de caso, de africanos e afrodescendentes, e indígenas tornaram-se crescentes, sobretudo a partir das décadas de 1980 e 1990, e ainda encontra-se em processo de visibilidade. Uma vez que os movimentos destacados aqui se estabelecem mais diretamente relacionados às universidades, na Universidade Federal de Santa Catarina, aparecem dois núcleos com ativa preocupação e participação nos estudos e na contribuição ao procurar tornar visíveis a história e a presença atual de populações diversas no Estado sob a mesma denominação: indígenas, que passaram por longo processo de desestruturação, permanências e recriação de suas identidades em diferentes ênfases durante aproximadamente 500 anos, desde o início do “contato” com o europeu, processo de ocupação e colonização europeia do

²CAROLA, Carlos Renato; WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. A historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel (org.) *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011. P.306.



território, segundo pressupostos “eurocêtricos” (tratando de termos utilizados atualmente). O primeiro deles está diretamente relacionado à figura de Sílvio Coelho dos Santos, antropólogo que fundou o Núcleo de Antropologia na UFSC, e tem vasto trabalho nas áreas de História e Antropologia, em especial com os indígenas Xokleng da região do Alto Vale do Itajaí³. O segundo, bem mais recente, é representado pelo Laboratório de História Indígena (LABHIN)⁴, sob coordenação de Ana Lúcia Vulfe Notzold, desenvolve um programa de Observatório nas escolas indígenas em aldeias representantes das três etnias reconhecidas no estado: Xokleng, Kaingang e Guarani. Outros trabalhos e núcleos vêm se desenvolvendo a fim de colaborar na profusão de conhecimentos e retornos às comunidades estudadas, como o programa de graduação Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica⁵ e o Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA/UFSC)⁶.

Desse modo, também se pode observar que a etnia indígena um pouco mais estudada em comparação com as demais é a Xokleng do Alto Vale do Itajaí, com os estudos bastante reconhecidos de Santos e de Luisa Tombini Wittmann, cuja obra de maior expressão fora adaptada de sua dissertação de mestrado denominada *O vapor e o botoque*⁷. Esses estudiosos valeram-se em grande parte das fontes historiográficas classificadas como relatos de viajantes desde o século XVI à XIX, que passaram pela área do território atual de Santa Catarina e deixaram suas impressões e contatos com os grupos, em especial Binot Paulmier de Gonneville (1503-1505) na região da atual São Francisco do Sul e litoral norte⁸. Com relação aos grupos das etnias Kaingang e Guarani, registros em menor volume são encontrados. Considera-se, pois, área de ocupação tradicional Kaingang aquela que abrange o oeste catarinense (desse modo, os contatos com europeus, descendentes, paulistas, a citar, ocorreu, mas não de forma avassaladora que com relação àqueles com os grupos habitantes do litoral);

³SANTOS, Sílvio Coelho dos. A história do extermínio. In: *Índios e Brancos no Sul do Brasil*. Florianópolis: Edeme, 1973, p. 54-115.

⁴Informações em: <http://labhin.ufsc.br>. Acesso em 10 de outubro de 2013.

⁵Informações em: <http://licenciaturaindigena.ufsc.br>. Acesso em 10 de outubro de 2013.

⁶Informações em: <http://www.leia.ufsc.br>. Acesso em 11 de outubro de 2013.

⁷WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque* : imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2007.

⁸ERRONE-MOISES, Leyla. *Vinte luas: viagem de Palmier de Gonneville ao Brasil, 1503-1505*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.



e guarani, a região do litoral⁹. Essa delimitação territorial, ainda, deve ser problematizada em confluências com demais ciências, uma vez que os relatos históricos operam no período do “contato” e não abrangem o período de uma história indígena de *longa duração* a corresponder aos anos anteriores ao “contato”.

Sendo a excelência da pesquisa em História o trabalho com documentos escritos, visuais, orais (transcritos), por exemplo, as fontes mais utilizadas ao procurar estudar os indígenas no período (século XVI a XIX) são os relatos de viajantes (no geral europeus) e relatos etnográficos (constituindo, muitas vezes, os próprios relatos dos viajantes em relatos etnográficos). Desse modo, faz-se necessário e é urgente que haja estudos e problemáticas que busquem trabalhos interdisciplinares (como, por exemplo, História, Arqueologia, Antropologia, Biologia, Geologia, dentre outras), o que muitos pesquisadores advogam deveria ser uma excelência das Ciências Humanas principalmente. Portanto, neste artigo procuro analisar brevemente por meio de uma discussão de interpretações baseadas em fontes arqueológicas e históricas, em especial relatos de viajantes e etnográficos, como o contato com os indígenas Guarani no litoral de Santa Catarina (mais especificamente em seu litoral central) se mostra nesses registros e é problematizado nas pesquisas de acordo com os movimentos historiográficos vigentes nos períodos. Isso, tendo em vista o necessário debate e apropriação das estratégias interdisciplinares nas pesquisas e atuações recentes e futuras.

A Interdisciplinaridade: uma ocupação guarani de longa duração

Com relação à falta de estudos sobre a ocupação Guarani em de Santa Catarina, ou suas limitações para aqueles que foram produzidos até então, John Manuel Monteiro destaca que:

[...] a falta de estudos históricos a percepção de que a presença e participação dos Guarani nos múltiplos processos que transformaram a geografia humana de toda uma vasta região tenham sido [foram] elementos decisivos na história colonial.¹⁰

E ainda acrescenta que:

⁹ BRIGHENTI, Clóvis. Povos indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, A., Rosa, H. e Bringmann, S. (orgs.) *Etnohistória, História Indígena e Educação*. Ed. Palotti, Porto Alegre, RS, 2012. P.2.

¹⁰ MONTEIRO, John M. Os Guarani e a História do Brasil Meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, M. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. P.476.



[...] Tanto a distribuição espacial quanto as características demográficas dos grupos Guarani às vésperas da conquista apresentam problemas de difícil solução. Por um lado, o conjunto de fontes da época projeta uma unidade cultural e linguística abrangente e consistente mas, por outro, estas mesmas fontes apontam uma intensa fragmentação no que diz respeito à organização política e territorial. Não muito distante do exemplo Tupi, o constante abandono e regeneração das aldeias, o quadro mutável de alianças e hostilidades e as migrações de longa distância mobilizadas por carismáticos profetas são fatores que se contrapõem a qualquer visão monolítica de uma ‘nação’ Guarani. Ao mesmo tempo, conforme lembra oportunamente Bartolomeu Meliã, as fontes coloniais em si provêm de observações bastante dispersas no tempo e no espaço, pois, tendo assim os Guarani sido descobertos’ em épocas e circunstâncias diversas’, desde os primeiros encontros no litoral catarinense até a penetração mais concentrada dos jesuítas no século XVII (Meliã, 1988:18).¹¹

Podemos problematizar, pois, a partir de Monteiro, correntes interpretações que não se valem em seu discurso da variedade de fontes hoje assim compreendidas dentro do movimento de “Revolução Documental”¹², ou que não as interpretam com novas problemáticas. Tratam, no geral, acerca da ‘docilidade’ guarani frente ao contato com o europeu, ou de sua fragmentação política e espacial nesse momento por exemplo. O autor acrescenta, ainda, que o caráter desigual das fontes utilizadas limita o próprio alcance da demografia histórica, sobretudo àquela do início do século XVI. Ainda que com os esforços de diversos autores modernos, os conhecimentos, segundo ele, com relação ao tamanho, densidade e distribuição dos grupos Guarani permanece precário¹³. Nesse último trecho, pois, realiza uma crítica nesse sentido e advoga ainda em sua obra a necessidade dessa comunicação com outras formas e fontes. Assim, entende-se que para o avanço e aprofundamento dos estudos com populações pré-coloniais, em especial, os Guarani na região sul do Brasil é necessária a comunicação entre Ciências, entre produções e autores, ou seja, a Interdisciplinaridade.

Nesse sentido, a Arqueologia, enquanto Ciência Humana, não apresenta muitos estudos sistematizados para a área de todo o estado, tampouco para a região sul do país e

¹¹MONTEIRO, John M. *op cit*, p.477.

¹²No âmbito da “Nova História”.

¹³Idem.



países vizinhos. Francisco Noelli realiza uma síntese do que se considera ser, *a priori*, o modelo geral de surgimento e difusão dos Guarani, que apesar de serem os mais conhecidos, nesta síntese poderia residir a problemática da falta de estudos mais aprofundados e dialogados:

Os Guarani formam um conjunto de populações de matriz cultural Tupi, mais especificamente vinculados aos povos Tupi-Guarani (Viveiros de Castro 1986). A gênese cultural dos Guarani está situada em algum lugar da bacia dos rios Madeira-Guaporé, no sudoeste da Amazônia (Rodrigues 1964; Noelli 1996^a). Em processo de contínuo crescimento demográfico e de ocupação territorial se expandiram para o Sul, conquistando paulatinamente uma vasta área composta por partes do Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia (Brochado 1984). A partir de uma revisão exaustiva da bibliografia Guarani, de estudos arqueológicos e visitas a diversas coleções de museus e sítios arqueológicos do Sul do Brasil Paraguai, Uruguai e Argentina, feitos nos últimos 12 anos, foi possível concluir que os Guarani tinham a prescritividade como norma. As pessoas não-Guarani e as ‘coisas novas’ eram incorporadas e enquadradas nos seus códigos e estruturas. As inúmeras fontes indicam que os Guarani eram ‘radicalmente’ prescritivos, reproduzindo-se continuamente com pouca variabilidade na cultura material. Caso contrário, a contínua assimilação de pessoas de outras etnias e a adaptação aos ambientes do Sul do Brasil poderiam resultar em mudanças significativas e evidentes.¹⁴

Trabalhos mais recentes têm surgido na tentativa de discutir com as primeiras interpretações realizadas na década de 1960 para essa ocupação e dispersão pelo território. No entanto, alguns trabalhos mais pontuais e recentes desenvolvidos no estado do Rio Grande do Sul por estudiosos como Francisco Silva Noelli e Adriana Dias identificam sítios arqueológicos associados aos Guarani, do tronco linguístico Tupi, em especial na região do Vale do Rio dos Sinos, que não são portanto tão próximo ao litoral. Para eles, os dados encontrados até então para a localidade sugerem a existência de mais de um *tekohá* ao norte da área estudada. Uma vez que não possuíam cronologias absolutas para a área, sendo impossível determinar se corresponde a uma área de domínio contemporânea, hierarquicamente subordinada ao *tekohá* identificado no Alto do Rio dos Sinos ou um padrão de implantação posterior, decorrente da pressão da frente colonial a partir do início do século

¹⁴ NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. *In: Revista USP* 44(2): 218-269. 1999/2000. P.247-248.



XVIII, implantada junto aos cursos de rios e arroios ocupados tradicionalmente¹⁵. A partir de modelos da Etnoarqueologia, como aquele realizado por Noelli¹⁶, áreas de roça, uso e manejo ambiental, área das aldeias e assentamento, ou seja, interpreta-se uma ampla área de ocupação guarani que se expande para além dessa região ao longo do sul brasileiro (e fronteiras vizinhas) por comunidades distintas sob a mesma etnia Guarani.

O que podemos observar com esses dados arqueológicos, juntamente aos Linguísticos, Etnográficos e Históricos (vistos mais adiante) e que corresponde a uma interpretação certamente difundida é a existência de complexidade em organização social e cultural, dominação territorial ampla, e a característica ‘prescritiva’ de que Noelli menciona para esses povos. Considerando sua difusão pelo amplo território pelo qual se distribuíram na América do Sul e que os mesmos ainda assim representam diversas populações, tendo em comum língua, cultural material, tecnologia, subsistência, padrões adaptativos, organização sociopolítica, religião, mitos, apesar de evidentes variantes de etnicidade, dialetos e adaptabilidade¹⁷ (ou seja, advoga uma continuidade cultural, linguística e ideológica de cerca de três mil anos), certamente, podemos contrastar essas interpretações com aquelas referentes à fragmentação política, social e territorial encontrados no momento do Contato. Por exemplo, em se tratando de povos atuais, raramente um Guarani Kaiowá migrará para a região sul do Brasil, enquanto que raramente um Guarani M’byá migrará para o nordeste paraguaio ou sul de Mato Grosso do Sul¹⁸. O pesquisador em Santa Catarina, Jaisson Teixeira Lino, ao realizar suas pesquisas na Bacia do Rio Araranguá (SC), afirma que com relação à prescritividade descrita por Noelli, esta se apresenta plausível, uma vez que os Guarani não se

¹⁵DIAS, Adriana. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. MAE/USP, São Paulo, 2003. P.189.

¹⁶NOELLI, Francisco S. *Sem Tekhoá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Dissertação, PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

¹⁷NOELLI, Francisco S. . A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. *In: Revista USP* 44(2): 218-269. 1999/2000. P.248.

¹⁸BRIGHENTI, Clóvis. *op cit*, p.p..8-9.



modificaram substancialmente durante quase quinhentos anos de contato, configurando em um *habitus* conforme Bourdieu e Sahlins¹⁹.

Essa História de Ocupação Guarani no registro arqueológico aparece para Santa Catarina em locais não restritos ao litoral, mas tendo nesse seu principal território, com datações que apontam cronologias de aproximadamente quinhentos anos antes de Cristo. De acordo com os registros arqueológicos do litoral, há a possibilidade de o terem alcançado de forma não tão avassaladora com relação a outras regiões do país em número de indivíduos a ponto de transformarem completamente as relações com os grupos residentes aqui anteriormente (grupos do tronco linguístico Macro-Jê, Kaingang e Xokleng atuais). No entanto, é possível observar mudança significativa no registro arqueológico nos mais diversos aspectos de organização, assentamento, tratamento cultural e escolhas ambientais no que se compara aos demais grupos. Suas relações com as populações Jê muito provavelmente também definiram o contexto geográfico e de dominação territorial no período pré-Contato. Lino recorda, ainda, os estudos de antropólogos como Bartolomeu Meliá que, segundo Garlet, tem vinculado questões econômicas para o fenômeno da mobilidade Guarani, sem abandonar por completo as motivações religiosas da “terra Sem Males” (ideologia rapidamente associada a esses grupos)²⁰. Essa expansão migratória, segundo Meliá, existiu até os tempos da invasão europeia no Rio da Prata (na década de 1520) e ainda em plenos tempos históricos até nossos dias²¹. Podemos, então, analisar e repensar o caso específico de Santa Catarina com relação aos elementos expostos.

Os relatos de viajantes, o ‘Contato’ e a articulação entre fontes

¹⁹LINO, Jaisson Teixeira. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina*. Dissertação, UFRGS/RS, Porto Alegre, 2007. P.53.

²⁰Ibidem, P.65.

MELIÁ, Bartolomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Angelo: FUNDAMES, 1987.

²¹BRIGHENTI, Clóvis. *op cit*, p.8.



Nesse âmbito, o artigo propõe repensar e problematizar, reorganizar as fontes que eram unicamente utilizadas para interpretação do contato europeu com o indígena Guarani no território (Relatos Viajantes e Etnográficos) a partir das interpretações surgidas e provenientes de demais Ciências, em especial, as Ciências Humanas, aqui representadas pela Arqueologia e Antropologia. Logo, encontram-se registros europeus acerca dos “Carijós” ou “Carios”²², os quais apenas no ano de 1528 aparecem com o emprego de ‘Guarani’, nome dado por europeus, na carta de Luiz Ramires²³. Certamente, o primeiro contato realizado entre ‘brancos’ e ‘índios’ na região central estadual fora com indígenas guarani, o que foi vastamente divulgado nas cartas e relatos de viajantes a nós legados atualmente em um período em que a Ilha de Santa Catarina, ou anteriormente chamada Ilha dos Patos, por exemplo, era utilizada como porto para aqueles navegadores, em especial relacionados à Coroa Espanhola. O viajante que pode ter sido o mais conhecido fora Cabeza de Vaca. O historiador Clóvis Brighenti afirma que:

[...] Os Guarani litorâneos ou Carijós mantinham comunicação com os demais Guarani que ocupavam os atuais estados do RS, PR, SP e os países do Paraguai, Argentina, Bolívia. O registro mais emblemático desse contato foi feito pelo navegador espanhol Álvar Núñez Cabeza de Vaca que ao ser nomeado governador do Paraguai, desembarcou na ilha de Santa Catarina, em 1541, e seguiu pelo caminho do Peabiru até Assunção (PY), guiado pelos Guarani. Durante o percurso, Cabeza de Vaca registrou a fartura de alimentos que encontrava nas aldeias por onde passava sua comitiva de mais de 200 pessoas que desde o litoral até Assunção a população Guarani falava uma só língua: ‘Esses índios pertencem à tribo dos Guaranis; são lavradores que semeias o milho, a mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós na Espanha, possuem muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terras e falam uma só língua (CABEZA DE VACA apud BUENO, 1999, p.157).²⁴

Posteriormente, para a região da Ilha, esses registros estariam mais relacionados aos movimentos de conhecimento do território Português, e a preocupação inicial em ocupá-lo (afim de evitar ocupação espanhola) e maior controle da região do Prata. Então, o contato com

²²SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004, 5ª ed.

²³BRIGHENTI, Clóvis. *op cit*, p.7.

²⁴Idem.



bandeirantes, no geral paulistas e caboclos²⁵, também gerou registros. Da mesma forma, os registros também são encontrados nos documentos e relatos militares, a partir de uma colonização intencional da coroa portuguesa a fim de guarnecer a Ilha contra inimigos. Uma colonização mais efetiva veio apenas com a tentativa de trazer as famílias açorianas para o litoral. No trecho anterior encontramos expressão bastante comum quando se trata de encontrar registros da presença guarani nesses relatos: o ‘Caminho do Peabiru’. O Imaginário acerca do Caminho para o Pacífico, da ‘Terra da Cocanha’ que tantos viajantes perseguiram é fortalecida pela associação em muitos momentos realizada pelas interpretações dos relatos e teóricos com a busca pela ‘Terra sem Mal’ pelos indígenas Guarani (busca constante perseguida em sua História e restante atualmente). Ambos, pois, partiriam atrás de seus imaginários: os europeus, indubitavelmente, guiados e ajudados pelos ‘receptivos’ Guarani. Posteriormente, o caminho pelo interior de Santa Catarina com destino a Lages também fora auxiliado por meio das frentes indígenas²⁶.

Confrontamos ainda que, em grande parte da historiografia produzida para o Contato aqui analisado enfatiza a presença guarani nas Missões Indígenas implantadas na região sul e novamente enfatizam sua ‘docilidade’ e ‘passividade’ frente à expansão colonizadora. A receptividade indígena é constantemente descrita, sendo quase não encontrados registros nos quais o confronto direto e de violência física nesses primeiros momentos. Por exemplo, Aleixo Garcia após ter sucedido à expedição pela costa brasileira e tendo alcançado o Rio da Prata, na expedição de 1515 quando partiu da Espanha e atingiu quatro meses após o Rio da Prata novamente, teve um contato malsucedido com indígenas, foi morto e a expedição malogrou²⁷:

²⁵LOHN, Reinaldo Lindolfo. O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista. In: BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia M. F.(org.) *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis, UFSC, 2004. P.29.

²⁶LOHN, Reinaldo Lindolfo. O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista. In: BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia M. F.(org.) *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis, UFSC, 2004. P.52.

²⁷SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004, 5ª ed. P.p.16-17.



[...] Os sobreviventes desta aventura regressaram para a Espanha. Ao passar pela Ilha de Santa Catarina, um de seus navios naufragou. Da tripulação deste barco, onze homens salvaram-se, juntando-se aos indígenas que habitavam a Ilha. Foram esses sobreviventes os primeiros habitantes europeus da terra catarinense. Foram eles que fizeram as primeiras incursões pelo sertão. Um deles, chamado Aleixo Garcia, ajudados pelos indígenas que habitavam a Ilha, fez uma longa incursão para o interior, acabando por atingir a região onde hoje se situa o Paraguai. Isto no ano de 1524.²⁸

E muitas situações similares foram registradas:

[...] Os europeus que chegaram ao litoral de Santa Catarina entraram em contato apenas com os Carijó. Em 1549, Hans Staden passou pela Ilha de Santa Catarina, e encontrou um espanhol vivendo com eles. É de Staden o primeiro mapa do litoral de Santa Catarina.²⁹

Brighenti traz ainda em seus estudos que a estratégia adotada pelos Guarani com o não indígena não fora o de confronto. Auxiliaram com alimentos, caminhos e nominaram os lugares e as coisas. Foram disputados pelos escravocratas e Jesuítas nos séculos XVI e XVII. A população do litoral catarinense foi praticamente extinta, e ao perceberem que os não indígenas não eram confiáveis, optaram pelo distanciamento; se faziam invisíveis, preferiram as matas e as migrações como forma de permanecer Guarani. A partir da década de 1970, com a crescente devastação da floresta atlântica, os Guarani foram violentamente atingidos, segundo ele, aumentando as migrações e os acampamentos nas margens das rodovias³⁰.

Em Relatório realizado para o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro na década de 1970, os arqueólogos Alroino Eble e Maria José Reis apresentam que para um segundo momento dessa colonização:

[...] Ao convívio amistoso das primeiras visitas de espanhóis e portugueses às terras do litoral sul, sucederam-se as rázias dos habitantes da povoação de São Vicente sobre as malocas indígenas, objetivando a obtenção de escravos para os empreendimentos econômicos que então se instalavam. Os espanhóis, na ânsia de afirmar seu domínio sobre a região, não deixaram também de submeter os índios aos mais variados reveses. Em 1572, Pedro

²⁸Ibidem, P.17.

²⁹Ibidem, P.p.25-26.

³⁰BRIGHENTI, Clóvis. Povos indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, A., Rosa, H. e Bringmann, S. (orgs.) *Etnohistória, História Indígena e Educação*. Ed. Palotti, Porto Alegre, RS, 2012. P.9.



Ortiz Zárate no comando de dois navios com destino a Buenos Aires praticou atrocidades horríveis contra os Carijó da aldeia de Ibiacá, narra Taunay. Segundo este mesmo autor, e com base em depoimento de Hernandarias Saavedra dado ao rei de Espanha em maio de 1609, cem mil índios viviam nas províncias de Santa Catarina, Biaça e Rio Grande.[...] Com a escravidão introduziram-se diversas doenças entre os indígenas. Explica-se assim porque nos meados do século XVII já não havia população indígena na Ilha de Santa Catarina [faz-se uma ressalva para esta afirmação] [...].³¹

Durante os séculos XVIII e XIX, os relatos dos viajantes que passaram pela Ilha de Santa Catarina, por exemplo, permaneceram semelhantes com relação à ‘hospitalidade’ Guarani quando o contato mais direto ocorre, no entanto com menções já ao baixo número de indígenas, sendo avistados mais próximos às florestas³².

Conclusões

Observando a recente e não demasiada visibilidade dada às questões de Políticas Indigenistas, como a demarcação de terras indígenas no Brasil e, conseqüentemente, em Santa Catarina, à luz de uma nova historiografia, são defendidas revisões, articulações e confrontos de interpretações registradas na mesma acerca da Ocupação Indígena Guarani. Esse movimento apenas poderá se tornar mais complexo e, então, alcançar nível maior de esclarecimento se houver, por meio da Interdisciplinaridade, a problematização dos modos de ‘fazer Ciência’. Portanto, procurou-se brevemente através da discussão historiográfica de interpretações mais tradicionais para se trabalhar o “Contato” europeu e indígena no Brasil nos séculos XVI e XVII (os relatos de viajantes e as etnografias) relacioná-las às produções em Arqueologia e Antropologia em especial. Isso se deve, pois, a uma profusão de interpretações em muitos momentos rápidas e não reflexivas acerca do que se lê e reproduz, e permanece se reproduzindo. Por exemplo, ao não esclarecimento de que existe uma presença indígena na longa duração que atravessa alguns milhares de anos antes da presença europeia na América, isso deve ser refletido e lido nas condições atuais (e a partir de um local e tempo específicos), sendo que essa presença está relacionada a povos que estão presentes na

³¹ *Parque Estadual do Tabuleiro: aspectos culturais e sociais. Volume I.* UFSC – FATMA, 1976. P.p.45-46.

³² BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.* 4. ed. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1996.



A Interdisciplinaridade em História: apontamentos para as interpretações dos primeiros contatos europeus com os Guarani no litoral central do estado de Santa Catarina – Isabela Müller

sociedade, indicando essa ancestralidade e conhecimento tão recuados. Caso contrário, entende-se que esse exercício perderá seu sentido e o fazer histórico poderá seguir o mesmo destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Endereço Eletrônico do **Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia / UFSC**, disponível em: <http://www.leia.ufsc.br>. Último acesso em 18 de outubro de 2013.

Endereço Eletrônico do **Laboratório de História Indígena / UFSC**, disponível em: <http://labhin.ufsc.br>. Último acesso em 18 de outubro de 2013.

Endereço Eletrônico do **Programa de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica / UFSC**, disponível em: <http://licenciaturaindigena.ufsc.br>. Último acesso em 18 de outubro de 2013.

Parque Estadual do Tabuleiro: aspectos culturais e sociais. Volume I. UFSC – FATMA, 1976.

BERGER, Paulo. **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. 4ª. ed. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1996.

BRIGHENTI, Clóvis. *Povos indígenas em Santa Catarina*. In: Notzold, A., Rosa, H. e Bringmann, S. (orgs.) **Etnohistória, História Indígena e Educação**. Ed. Palotti, Porto Alegre, RS, 2012.

CAROLA, Carlos Renato; WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. *A historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos*. In: GLEZER, Raquel (org.) **Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh**. São Paulo: Contexto, 2011.

DIAS, Adriana. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. MAE/USP, São Paulo, 2003.

ERRONE-MOISES, Leyla. **Vinte luas: viagem de Palmier de Gonneville ao Brasil, 1503-1505**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina**. Dissertação, UFRGS/RS, Porto Alegre, 2007.



A Interdisciplinaridade em História: apontamentos para as interpretações dos primeiros contatos europeus com os Guarani no litoral central do estado de Santa Catarina – Isabela Müller

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista*. In: BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia M. F.(org.) **História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX**. Florianópolis, UFSC, 2004.

MELIÁ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. **O Guarani : uma bibliografia etnológica**. Santo Angelo: FUNDAMES, 1987.

MONTEIRO, John M. *Os Guarani e a História do Brasil Meridional: séculos XVI-XVII*. In: CUNHA, M. (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

NOELLI, Francisco S. **Sem Tekhoá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)**. Dissertação, PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, Francisco S. *A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas*. In: **Revista USP 44(2): 218-269**. 1999/2000.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004, 5ª ed.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. *A história do extermínio*. In: **Índios e Brancos no Sul do Brasil**. Florianópolis: Edeme, 1973.

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque : imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2007.

Recebido em 27 de novembro de 2013

Aceito para publicação em 23 de abril de 2014

